

A ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFMG: da criação aos dias atuais
UFMG NURSING SCHOOL FROM ITS CREATION UNTIL TODAY
LA ESCUELA DE ENFERMERÍA DE LA UFMG. DE LA CREACIÓ A LOS DÍAS
ACTUALES

*Estelina Souto do Nascimento*¹
*Geralda Fortina dos Santos*²
*Valda da Penha Caldeira*³

RESUMO: As autoras fazem um resgate dos principais eventos e acontecimentos ocorridos na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais da sua criação, em 1933, até 1998.

PALAVRAS-CHAVE: História - História da enfermagem - História da Escola de Enfermagem da UFMG

ABSTRACT: The purpose of this work was to bring back some historical aspects of the Federal University of Minas Gerais Nursing School - EEUFMG, since its creation in 1933 until 1998.

KEYWORDS: The History of Nursing - The History of the Federal University of Minas Gerais Nursing School

RESUMEN: Las autoras hacen un rescate de los principales eventos y acontecimientos ocurridos en la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Minas Gerais desde su creación, en 1933, hasta 1998.

PALABRAS CLAVE: Historia - Historia de la Enfermería - Historia de la Escuela de Enfermería de la UFMG.

¹ Enfermeira, Dra. em Educação pela Faculdade de Educação da USP, Coordenadora do NUPEQS-MG.

² Enfermeira, Docente da Escola de Enfermagem da UFMG, Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa, MG, Pesquisadora do NUPEQS-MG.

³ Enfermeira, Mestra em Enfermagem pela UNI-RIO, RJ, Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde -NUPEQS-MG

INTRODUÇÃO

A Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais - EEUFMG - foi criada em 7 de julho de 1933, pelo Decreto nº 10.952, no governo do Dr. Olegário Maciel. Até 1968 foi denominada Escola de Enfermagem Carlos Chagas –EECC. Foi a primeira escola de enfermagem estadual criada no Brasil, de acordo com o “Padrão Anna Nery”, e também a primeira a diplomar religiosas. A sua criação foi uma iniciativa do Dr. Ernani Agrícola, então responsável pela Diretoria de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde Pública, à qual a Escola ficou subordinada administrativa e financeiramente até 1950. A organização da EECC ficou a cargo da enfermeira Laís Netto dos Reys, que foi sua primeira diretora. Teve como primeira sede o Hospital São Vicente de Paulo, atual Hospital das Clínicas da UFMG.

Com a equiparação ao “Padrão Anna Nery”, ocorrida em 24 de março de 1942, pelo Decreto nº 9.102, suas diplomadas puderam exercer a profissão não só no Estado de Minas Gerais como em todo o Brasil.

A EECC foi federalizada e anexada à Faculdade de Medicina pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950. A desanexação ocorreu em 12 de fevereiro de 1968, tornando-se uma unidade universitária autônoma, integrada à UFMG.

Nos seus 65 anos de existência, como pioneira do ensino da profissão no Estado, a Escola fez-se de grande importância para o aperfeiçoamento da enfermagem, mostrando, no seu dia-a-dia, as conquistas alcançadas, as dificuldades, enfim, a luta por reconhecimento e valorização. Desse modo, em seu cotidiano, as ações - mesmo as mais minúsculas, contidas em cada evento -, as decisões, as reivindicações, as aulas, e cada significado atribuído aos valores da profissão configuram uma teia, cuja trama deixa à mostra luzes e sombras de uma Escola que se fez pela audácia das pioneiras e perseverança de suas sucessoras.

INTERNATO

O regime preconizado para as escolas de enfermagem, na época, era o de internato, que passou a funcionar na EECC em 19 de março de 1935, na rua do Chumbo, nº 601, hoje rua Professor Estevão Pinto. Situava-se em “local aprazível, não muito distante do Hospital São Vicente de Paulo, cercado de verdes palmeiras, com campos de jogos e tendo mesmo uma falada piscina, lembrando velho castelo abandonado” (Reys, 1938).

Houve várias sedes até 1962, quando passou a funcionar no atual prédio, próprio da escola, na época em fase de construção.

O internato era administrado por uma ecônoma, escolhida pela diretora. Era mantido por duas fontes: auxílio mensal do governo estadual e mensalidade de alunas. O seu funcionamento geral e a contratação e remuneração de funcionários oscilavam de acordo com a verba disponível.

Além das alunas, moravam no internato diretoras, professoras e funcionários.

A extinção do internato aconteceu em 1968. A desocupação das dependências ocorreu gradativamente, conforme o ano em curso e as condições financeiras das alunas.

ENSINO

Na década de 30, além do curso de Enfermagem Geral, a EECC oferecia os cursos de: a) Auxiliares de Hospital; b) Cruz Vermelha; c) Admissão ao Curso Geral; d) Educação Física; f) Férias.

A formação integral das alunas era preocupação máxima da Escola. O rigor com a moral e a disciplina era marcante no ensino; no ato de matrícula, exigia-se atestado de idoneidade moral.

As aulas eram ministradas por professores da Faculdade de Medicina e por enfermeiras, instrutoras da EECC. Teoria e prática eram ministradas simultaneamente, perfazendo oito horas diárias. O ano letivo ia de março a dezembro, e as alunas gozavam um mês de férias - não-coletivas - ao ano. Os meses restantes eram utilizados para prestação de serviço. As faltas eram compensadas ao término do curso.

O estágio da EECC abrangia duas etapas: prático (hospitalar) e de saúde pública.

A primeira iniciativa de ensino de pós-graduação na EECC ocorreu em 1957 com o Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica, que teve a duração de dois anos.

SOLENIIDADES

A vida da EECC era marcada por uma série de solenidades que expressavam seus valores.

Além do fim a que se destinavam, as solenidades eram revestidas de símbolos que espelhavam a moral preconizada pela Escola, como a Cruz de Malta, hinos e oração da enfermeira, entre outros. A Imposição de Insígnias, durante várias décadas, foi uma de suas solenidades mais importantes.

A cerimônia ocorria após uma etapa preliminar e marcava o término do período de experiência vocacional e o início dos estágios curriculares.

UNIFORMES

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas adotava o uso de uniforme. Composto de vestes e insígnias, tinha não só um valor de identificação e de higiene, mas, também, de diferenciação hierárquica, conforme o cargo ocupado. Continha grande significado para as pessoas que dele faziam uso. Para recebê-lo, deveriam não só honrá-lo como, também, passar por prova de aptidão e capacidade.

As vestes diferenciavam-se no modelo, no tecido e na cor, de acordo com a categoria de quem as portava. Já as insígnias apresentavam alterações em alguns detalhes relacionados à cor e ao contorno, evidenciando a hierarquia existente.

O uniforme sempre marcou a presença da aluna de enfermagem nas atividades práticas; para muitos, era o maior símbolo de identificação da enfermeira.

PRODUÇÃO E EXTENSÃO

Falar da Escola de Enfermagem Carlos Chagas é descrever uma história de paixão, audácia e amor à profissão. Em menos de uma década, essa paixão fez com que, mesmo com toda dificuldade, a Escola mostrasse sua importância para a cidade de Belo Horizonte e mesmo para o Estado de Minas Gerais. Além de ministrar ensino de qualidade às alunas e impor-se como instituição, fez progredir ao seu redor o conhecimento e os serviços de enfermagem. A riqueza e o dinamismo das atividades de suas dirigentes, funcionárias e alunas fizeram época, a ponto de a escola passar a ser fator de unidade para a enfermagem mineira.

Percebe-se, ao longo da existência da Escola, o mesmo dinamismo, a mesma curiosidade, a mesma garra perante os desafios e controvérsias.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFMG, HOJE

A cadeia de transmissão oral e escrita, entrelaçada em filigrana, não foi interrompida, mesmo se muitas das malhas intermediárias nos escapem.

Nos dias atuais, a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais - EEUFMG ocupa lugar de destaque entre as escolas do Brasil. A qualidade do ensino, o prestígio intelectual dos professores e o trabalho voltado para a valorização da profissão fazem dela depositária da sabedoria e audácia

das pioneiras e uma escola moderna, com reconhecimento nacional e internacional.

Alicerçada no espírito universitário, desenvolve atividades na área de ensino, pesquisa e extensão.

Na área de ensino, destaca-se, neste momento, pela sua preocupação com a formação de profissionais de enfermagem de todos os níveis, ou seja, bacharelado, licenciatura, pós-graduação e médio.

No bacharelado e na licenciatura, consolida seu papel de formadora de enfermeiros comprometidos com a prática profissional de assistência e de ensino e com a saúde da população.

Na pós-graduação, coloca-se como referência para o Estado, desenvolvendo cursos de Mestrado em Enfermagem e de Especialização em Saúde Pública na sede e fora dela. Além disso, oferece as especializações em Administração da Assistência de Enfermagem em Serviços de Saúde e Enfermagem em Saúde Mental.

Em processo de aprovação, o curso de Especialização em Obstetrícia sob a forma de residência.

No ensino médio, oferece curso de auxiliar de enfermagem em parceria com instituições de saúde visando profissionalizar o pessoal leigo que atua na enfermagem.

A extensão tem ampla área de abrangência e apresenta diversidade na natureza das atividades desenvolvidas em seus programas e projetos. O Programa de Desenvolvimento da Enfermagem - PRODEn - é um dos exemplos de êxito nessa área. Coordenado pela Escola e articulando um trabalho integrado com todas as escolas/cursos de graduação em enfermagem do Estado, o PRODEn potencializa a intervenção desses no contexto em que estão inseridos, seja no aspecto de ensino, seja no de pesquisa, ou de extensão de conhecimentos à comunidade. Importantes produtos desse trabalho articulado são: o Banco de Dados em Bibliografia Convencionais e Não-Convencionais em Enfermagem - BDEF e a Revista Mineira de Enfermagem - REME - lançada em 1997.

Ano a ano, cresce o índice de produção científica da Escola, que se preocupa em apontar soluções para os problemas que perpassam a assistência à saúde e melhorar, cada vez mais, a assistência de enfermagem prestada à população. Nesse contexto, o aluno é incentivado a participar da pesquisa, sendo crescente o número de bolsistas.

Em âmbito nacional e internacional, registra-se, como reflexo de sua projeção, a Coordenação da Sub-Rede de Informação em Enfermagem, por

meio da Biblioteca J. Baeta Viana e vinculada à BIREME, e a Coordenação do Polo Dinamizador da Rede de Enfermagem da América Latina - REAL.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

REYS, Laís Netto dos. Relatório de diretoria. 1938.